

Mapeamento de narrativas jornalísticas: uma abordagem cartográfica e literária sobre Belo Horizonte

Mapping journalistic narratives: a cartographic and literary approach about the city of Belo Horizonte, Brazil.

NÍSIO TEIXEIRA

Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Doutor em Ciência da Informação pela UFMG, integrante do Grupo de Pesquisa em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade (Escutas). nisiotei@ufmg.br

DANIEL MELO RIBEIRO

Professor do Departamento de Comunicação da UFMT. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, co-líder do Mediação: grupo de pesquisa em Mídia, Semiótica e Pragmatismo. daniel.ribeiro1@ufmt.br

RESUMO

Este estudo relata uma atividade de mapeamento com alunos de jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada no primeiro semestre de 2022. Os estudantes exploraram a cidade de Belo Horizonte para mapear locais mencionados em obras literárias ficcionais, como parte da disciplina de Narrativas Jornalísticas. O objetivo é consolidar essa experiência para demonstrar como a cartografia, associada ao método da deambulação, pode complementar a prática jornalística. Argumenta-se que a criação desses mapas permite vivenciar a narrativa urbana, convidando o jornalista a explorar a cidade fisicamente e estimulando o raciocínio diagramático. Como resultados, o estudo aponta a cartografia como ferramenta metodológica para aprofundar e expandir narrativas jornalísticas, aplicável tanto no ensino quanto na prática profissional, configurando um mapeamento profundo da cidade.

Palavras-chave: mapeamento; cartografia literária, Belo Horizonte

ABSTRACT

This study reports a mapping activity conducted with journalism students at the Federal University of Minas Gerais during the first semester of 2022. The students explored the city of Belo Horizonte to map locations mentioned in fictional literary works as part of the Journalistic Narratives course. The aim is to consolidate this experience to show how cartography, combined with the method of wandering, can complement journalistic practice. The study argues that creating these maps enables students to experience the urban narrative, encouraging journalists to physically explore the city and stimulating diagrammatic reasoning. The results indicate that cartography serves as a methodological tool to deepen and expand journalistic narratives, applicable both in teaching and in professional practice, shaping a deep mapping of the city.

Keywords: mapping; literary cartography; Belo Horizonte

■ INTRODUÇÃO: CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS EM BELO HORIZONTE

Os mapas sempre estiveram associados a narrativas orais de viajantes e exploradores, mesclando descrições objetivas do território com ingredientes fantasiosos e ficcionais, como lendas, animais fantásticos, povos exóticos e tesouros escondidos. Os mapas do contexto medieval, por exemplo, são caracterizados por tratar de narrativas que apelavam ao maravilhoso e ao imaginário, atendendo a uma demanda da época pelo encantamento provocado pelas histórias contadas e recontadas sobre lugares inóspitos e inalcançáveis aos horizontes do cidadão comum (ZUMTHOR, 1993; ECO, 2013). As tradições orais também são muito significativas na chamada cartografia indígena (McGURK; CAQUARD, 2020), que frequentemente emprega técnicas de representação do espaço que escapam à lógica racional e arbitrária das fronteiras, escalas e projeções.

Em particular, abordamos a vertente conhecida como cartografia literária, um campo de pesquisa que investiga as relações entre o espaço geográfico e a narrativa ficcional (CAQUARD; CARTWRIGHT, 2014). Segundo esses autores, embora essa relação também contemple as narrativas orais (como relatos de imigrantes) e a própria linguagem audiovisual, o ramo que foi mais explorado é a interseção dos mapas com a literatura. Ao aplicar elementos típicos da linguagem cartográfica a territórios imaginários de mundos ficcionais, esta prática acaba subvertendo a cartografia tradicional, na medida em que ousa representar espaços “que não existem”.

É comum encontrarmos obras literárias que são acompanhadas por mapas contendo representações espaciais do espaço descrito na obra. Esses mapas podem ter um caráter oficial, quando são encadernados pela própria editora. É o caso, por exemplo, de obras de literatura fantástica, como *O Senhor dos Anéis* e *Guerra dos Tronos*. Nessas obras, os mapas são fundamentais para que o leitor acompanhe, visualmente, a trajetória dos diversos personagens pelo espaço criado pelo autor. Por outro lado, também encontramos uma abundante produção de mapas extraoficiais, criados por fãs e amadores, que buscam complementar o texto literário (RIBEIRO, 2021). Em ambos os cenários, as histórias contadas pelo encadeamento do discurso verbal são acopladas a uma representação bidimensional do espaço imaginado, orientando assim a identificação de lugares e suas relações com os personagens.

Também podemos classificar os mapas literários em mapas de mundos ficcionais e mapas de mundos reais (RYAN, 2003). No primeiro caso, os mapas tratam de universos inteiramente imaginários, como a Terra-Média de Tolkien, o continente de Westeros, de *A Guerra dos Tronos*, o *País das Maravilhas* de Alice, ou a Terra do *Mágico de Oz*. Esses mapas atuam como um guia visual para ajudar o leitor a navegar por reinos, cidades e territórios criados exclusivamente pela narrativa. No segundo caso, os mapas abordam narrativas ambientadas em espaços geográficos conhecidos e localizáveis. Podemos citar, por exemplo, mapas de cidades como o

Rio de Janeiro, Paris e Dublin, que poderiam acompanhar narrativas de escritores como Machado de Assis, Baudelaire e Joyce. Nesses casos, os mapas auxiliam o leitor a visualizar o percurso dos personagens ou destacar as relações socioespaciais de um ambiente localizável no mundo real. Evidentemente, elementos ficcionais também podem se mesclar a espaços geograficamente localizáveis, como é o caso do *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Nessas obras, o leitor explora aspectos imaginados do espaço físico que se encontram ocultos a uma inspeção objetiva do território por satélites ou instrumentos de medição, típicas de uma cartografia de precisão.

Assim, na cartografia literária, o mapa auxilia o leitor a explorar visualmente as relações entre os personagens e o espaço descrito. Na medida em que a trama se desenrola, personagens se deslocam no espaço, disparando eventos e resolvendo conflitos. Nesse sentido, o mapa literário é entendido como um diagrama, um signo visual de estímulo ao raciocínio, que cria analogias sobre o mundo representado, mesmo que esse mundo pertença a uma criação fantasiosa (LJUNGBERG, 2005). Ao manipular o diagrama, o leitor identifica relações e padrões espaciais que complementam a narrativa. Esse processo de raciocínio, baseado na estrutura do mapa, ajuda o leitor a construir uma compreensão mais profunda do universo literário. Os mapas podem evidenciar as distâncias entre personagens, a geografia de conflitos, ou a distribuição espacial dos eventos em um universo ficcional que, na leitura linear, poderiam ser difíceis de apreender. Ao comparar a representação espacial com os eventos da história, o leitor é estimulado a deduzir as motivações dos personagens, as lógicas do mundo e as tensões narrativas. Assim, pode-se representar as conexões abstratas ou as distâncias não euclidianas de um mundo imaginário, tornando-as compreensíveis para o leitor.

Ainda sobre o leitor, apontamos em ocasião anterior (TEIXEIRA, 2005) como Jorge Luís Borges (2002) sugere que a grande ambição do jornalismo talvez seja se tornar literatura, uma vez que o jornal é lido para ser esquecido, enquanto a literatura escreve para eternizar a memória. Todavia, sabemos que o texto jornalístico também se torna memória ao ter, por exemplo, suas páginas antigas e sua própria historicidade revisitadas por olhos contemporâneos (BARBOSA, 2012; JÁCOME, 2020). E também ele próprio se torna literatura ao recorrer a vários instrumentos narrativos de escrita para a composição do *lead*, personagens/perfis e do próprio texto de reportagem como já se observa de modo consagrado em várias obras sobre a questão (JOBIM, 1992; LIMA, 1993; RODRIGUES, 1997; VILAS BOAS, 2003; LIMA, 2008; LEAL, 2022). Sem mencionar ainda, é claro, o próprio papel dos escritores na consolidação do texto jornalístico na imprensa, sobretudo brasileira (SODRÉ, 1966; ORTIZ, 1988).

Ao propor um mapeamento de narrativas jornalísticas ancoradas numa literatura sobre Belo Horizonte, apostamos em uma outra possibilidade, talvez ainda pouco explorada, dessa relação entre jornalismo e literatura nesta triangulação de representação e narrativa que ambos fazem

com o espaço urbano, na construção simbólica das cidades e de seus processos de urbanização. Aqui, parte-se do texto da pessoa escritora para a releitura e ressignificação do olhar da pessoa jornalista não só como um exercício de formação, mas também de apreensão e convite à pesquisa convergente destas três dimensões de experiência: a jornalística, a literária e a territorial.

Destarte, o recorte proposto neste estudo trata de mapas extra oficiais de duas obras literárias ficcionais cujos enredos foram situados na cidade de Belo Horizonte: os livros *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Os mapas foram elaborados por estudantes de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais durante o primeiro semestre de 2022, como parte da disciplina Narrativa Jornalística. Os alunos foram estimulados a explorar a cidade e mapear os pontos de referência dos lugares mencionados nas obras. Assim, o objetivo principal deste estudo é consolidar um relato dessa experiência cartográfica desenvolvida pelos alunos a fim de investigar como o exercício de mapeamento pode complementar a prática jornalística, resultando em uma descoberta de novas camadas interpretativas da própria cidade.

EXERCÍCIOS CARTOGRÁFICOS LITERÁRIOS: ANÁLISE DE MAPEAMENTOS

Encontro Marcado e *Becos da Memória*: duas obras literárias cujas linhas embaraçam e enlaçam as ruas e o território urbano de Belo Horizonte (BH), capital das Minas Gerais, celebram respectivamente 70 e 20 anos em 2026. Escritas por Fernando Sabino e Conceição Evaristo, os dois livros estiveram na linha de frente de uma experiência na disciplina obrigatória Narrativa Jornalística, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Era o início de 2022 e, após a fase mais aguda da pandemia de Covid-19, a UFMG, como várias outras instituições, gradativamente começava a retomar, com todos os cuidados possíveis, as atividades e encontros presenciais. Assim, uma das preocupações iniciais na preparação da disciplina foi que os discentes pudessem, novamente, reconquistar a cidade, seus percursos aleatórios ou dirigidos, a convivência, a observação e encontros - marcados, predeterminados ou não - em torno de um fazer jornalístico diferenciado.

Com base nessa ideia e inspirado pela leitura de livro sobre um roteiro comentado de pontos do Clube de Esquina, feito pelo museu do Clube (2005), aplicou-se metodologia que pudesse capitalizar, em três movimentos, a leitura de obras que abordassem a cidade de Belo Horizonte; o mapeamento dos lugares de suas ocorrências; uma fortuna crítica dessa obra e,

em seguida, alguma abordagem jornalística criada como uma estratégia de trabalho a partir dos locais ou combinação dos locais marcados pelo mapeamento: reportagem, observação, crônica, fotografia, dentre outras. Após a apresentação da proposta, um primeiro exercício foi organizar, em grupos divididos pelas obras, os discentes matriculados na disciplina.

Além das duas obras citadas, outros cinco livros foram incluídos: *Beira-mar*, de Pedro Nava; *Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos; *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond; *Minha vida fora de série, vol. 1*, de Paula Pimenta e *Enverga, mas não quebra*, de Luiz Morando. Considerando a narrativa de cada uma das obras, temos, de forma combinada, quase um século de histórias que se passam em BH, uma das mais recentes capitais brasileiras (fundada em 1897), como explicita o quadro 1, abaixo.

AUTORIA	TÍTULO DA OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO	ANOS E/OU DÉCADAS EM QUE SE PASSA A NARRATIVA
Pedro Nava	<i>Beira-Mar</i> ^[1]	1978	1921 a 1927
Cyro dos Anjos	<i>O amanuense Belmiro</i> ^[2]	1937	1934/5
Fernando Sabino	<i>O encontro marcado</i> ^[3]	1956	1940
Roberto Drummond	<i>Hilda Furacão</i> ^[4]	1991	1950 a 1960
Conceição Evaristo	<i>Becos da memória</i> ^[5]	2006	1960
Luiz Morando	<i>Enverga, mas não quebra</i> ^[6]	2020	1950 a 1980
Paula Pimenta	<i>Minha vida fora de série - vol. 1</i> ^[7]	2011	Anos 2000

QUADRO 1: Livros abordados

Fonte: Elaborado pelos autores

Foi adotada uma metodologia de exploração e mapeamento da cidade baseada em três etapas: a deambulação, a arqueologia e a montagem (RIBEIRO, 2021). Esse modelo, articulado a partir de conceitos desenvolvidos por Walter Benjamin, busca um exercício de mapeamento profundo que possa romper representações cartográficas tradicionais, explorando experiências limiares e qualitativas do espaço. A deambulação corresponde a um exercício de circulação, inspirada na figura do *flâneur*, em que a experiência corporal do espaço é central. É essa caminhada, espécie de “vadiagem” atenta, que permite capturar as nuances do ambiente físico, seus detalhes imperceptíveis para cartografias convencionais. A arqueologia refere-se à coleta dos fragmentos, indícios e rastros da cultura material, entendidos como “resíduos” carregados de

significado histórico e social. Essa etapa interpreta os vestígios do passado no presente, revelando camadas temporais e simbólicas do espaço urbano. Por fim, a montagem é o processo crítico que organiza e constrói a representação cartográfica a partir dessa deambulação e arqueologia, articulando múltiplas vozes, temporalidades e dimensões simbólicas para formar um mapa que não se limita à geografia física, mas que é uma leitura e interpretação complexa do lugar, no contrapelo da história, como sugere Benjamin (2012).

Os mapeamentos alternativos elaborados a partir dessa metodologia valorizam ambientes de transição e hibridismo — os “limiaries” — que resistem às fronteiras rígidas da cartografia científica clássica. Assim, tais metodologias cartográficas funcionam como formas de resistência, revelando experiências humanas, memórias e subjetividades que escapam aos dispositivos tradicionais de representação do espaço. Essa abordagem trata a cartografia como prática comunicacional e simbólica, que deve incluir a experiência corporal, a historicidade e a leitura crítica para oferecer um mapeamento profundo e plural dos lugares.

Após essa primeira aula, foram organizadas outras três que pudessem trazer experiências concretas para cada uma dessas etapas metodológicas. Para a deambulação, foi convidada a então doutoranda Prussiana Fernandes, que havia defendido dissertação de mestrado intitulada “As narrativas urbanas dos ambulantes de Belo Horizonte: textos de uma cidade habitada” (CUNHA, 2019), que tem como núcleo as narrativas e relatos de dois vendedores ambulantes que atuam na cidade de Belo Horizonte e como eles textualizam a cidade, ou seja, como suas vivências, percepções e histórias pessoais constroem um modo particular de representar e habitar o espaço urbano. A autora destaca a dimensão da oralidade e as textualidades urbanas na construção dessas experiências, valorizando a perspectiva da cidade para além dos marcos oficiais com a voz dos habitantes que a vivem no cotidiano e que muitas vezes são marginalizados nos discursos tradicionais sobre o espaço urbano.

Já para a arqueologia foi convidado o biógrafo, escritor e artista João Perdigão que, na ocasião, havia lançado um livro sobre o viaduto Santa Tereza. Para biografar um “lugar”, no caso, uma “enorme ponte-passarela de 400 metros de comprimento”, primeira grande obra pública de concreto armado da capital mineira, em projeto concebido em 1926 pelo engenheiro teuto-brasileiro Emilio Henrique Baumgart, João catalogou fotografias, textos, livros, posters, filmes, vídeos, grafites, pixos e revistas em quadrinhos^[8] (PERDIGÃO, 2016).

Por fim, como um exemplo da montagem, foi convidado o discente Ives Teixeira Souza, para comentar seu mestrado, elaborado a partir de trabalho na graduação: “Campos invisíveis”^[9]. Resgata a importância histórica da Avenida Paraopeba (atual Augusto de Lima) como o principal eixo do futebol em Belo Horizonte na década de 1920, quando abrigava os estádios do América Futebol Clube, do Palestra Itália (hoje Cruzeiro) e Atlético Mineiro. Essa concentração transformou

a avenida no centro da sociabilidade esportiva da capital mineira, marcando o apogeu do futebol local. Com o crescimento urbano e demográfico acelerado na década de 1920, a Prefeitura e o governo estadual iniciaram obras de canalização e terraplanagem do córrego Leitão, situado na bacia do Paraopeba, visando expandir a malha urbana. O deslocamento dos estádios e a construção do novo Mercado Municipal na Paraopeba simbolizam o processo de reconfiguração urbana que buscava demonstrar Belo Horizonte como uma cidade moderna e progressista. Ao final, o autor destaca a importância de preservar a memória desses “campos invisíveis”, para que sua contribuição para a história do futebol e da cidade não seja esquecida (SOUZA, 2020).

UMA FORTUNA CRÍTICA DAS OBRAS

A seguir, apresentamos brevemente cada obra. Importante ressaltar que esta apresentação sumariza, precisamente, o relatório da fortuna crítica que foi pesquisada e apresentada pelos discentes. Cada membro do grupo seria responsável pela revisão de pelo menos um texto. Do conjunto total a ser examinado pelo grupo, três textos deveriam ser obrigatoriamente “acadêmicos” (artigos, teses, comunicações etc) ou jornalísticos (entrevistas, resenhas). Os demais poderiam apresentar diversas textualidades: palestra, videoaula, podcast, comentários nas redes sociais etc. Com exceção de um grupo, os demais estabeleceram uma bem sucedida revisão que articulava textos densos e comentários breves, explorando textualidades distintas. Teremos de ser sucintos aqui, mas o trabalho de cada grupo, ainda que de modo muito panorâmico, será importante para tecermos a linha comparativa proposta aqui para a escolha dos dois livros.

O encontro marcado, de Fernando Sabino (1956) é caracterizado como um marco da autoficção urbana brasileira e apresenta uma narração em terceira pessoa que cria distância crítica entre autor e personagem, permitindo a universalização dos dilemas existenciais do protagonista Eduardo Marciano. A narrativa mistura fases da vida do personagem com dialogismo intertextual com autores e estilos variados. O ritmo varia, utilizando frases curtas e diálogos ágeis, evocando a angústia juvenil e a busca de sentido. Buchweitz e Requião (2016) analisam a importância de Belo Horizonte e Rio de Janeiro na formação do personagem Eduardo. BH representa segurança, infância e origem, com símbolos como a água e a mãe. O banco se configura como espaço social e decisório. Já o Rio de Janeiro é manifestação de estranhamento e não pertença, marcado por incertezas e mudanças. O retorno frustrado a BH reafirma a tensão entre memória, identidade e transformação. Já Neves (2011) dialoga com a filosofia de Kierkegaard para reiterar a busca

existencial do protagonista, marcada pela angústia, luta contra o tempo e consciência da finitude. A narrativa situa o “encontro marcado” como metáfora para a morte iminente, revelando um constante enfrentamento do personagem com sua existência e o desespero que dela deriva, aspecto reforçado por Oliveira e Justo (2010), que abordam o tédio como expressão da alienação e da perda de sentido na vida de Eduardo, refletindo crises de identidade e frustração diante da rotina burocrática e emocional. A transição da espontaneidade para a vida restrita gera enfado e vazio existencial, revelando a tensão entre o desejo de transformação e conformismo social.

Becos da memória, de Conceição Evaristo (2006) ambientado na BH das décadas de 1960 a 1980, entrelaça fluxos entre esquecimento e invenção, oralidade e escrita, beleza e dor, para narrar a trajetória de Maria-Nova, uma menina que cresce na favela e toma consciência das mazelas sociais que acometem sua comunidade. A obra revela a história de uma coletividade afro-brasileira historicamente escravizada, violentada, marginalizada e silenciada, originária da diáspora forçada pela escravidão. Maria-Nova é tanto narradora quanto ouvinte das histórias dos mais velhos, e a narrativa articula elementos ficcionais e documentais sob o conceito de “escrevivência”, termo criado pela autora Conceição Evaristo e que destaca a importância da vida e da experiência vivida, mesclando memória e ficção na criação literária (CHAMPAGNAT, 2018; EVARISTO, 2015). O estilo é engajado, expressando a luta contra o silenciamento histórico, o racismo e a marginalização com forte valor político-social. O livro representa um entrelaçamento potente entre memórias individuais e coletivas, afirmando o poder transformador da palavra na luta contra as opressões raciais e sociais. Para Araújo (2019), ao assumir uma narrativa centrada na mulher negra periférica, Evaristo oferece uma crítica político-cultural ao mito da democracia racial brasileira, evidenciando as desigualdades e os sofrimentos persistentes. A obra se configura como um ato de resistência ao silenciamento, desconstruindo a representação tradicional da mulher negra como subserviente, retratando-a com dignidade e protagonismo. Costa (2014) e Silva (2014) ampliam essa análise ao focar nos impactos do racismo, da precariedade e da opressão nas trajetórias dos personagens. A primeira aponta como a identidade, especialmente no contexto da favela, é entendida como uma construção contínua, resultado da interação entre culturas negra e branca. A segunda reitera a experiência de ser negro no Brasil e aposta na memória como elemento vital, nas quais a religiosidade e os costumes de matriz africana buscam desmistificar a inferiorização e o silenciamento histórico da cultura negra, historicamente reprimida e proibida.

MAPEAMENTO COMPARADO: *ENCONTRO MARCADO E BECOS DA MEMÓRIA*

Confrontando-se, *grosso modo*, personagens principais de todo o conjunto das obras abordadas, detectamos dois eixos bem definidos para uma análise. No primeiro, personagens masculinos e dilemas existencialistas nas obras *Amanuense Belmiro*, *Beira mar* e *Encontro marcado*. Nestes três romances, os protagonistas masculinos pertencem à classe média-alta ou intelectual urbana da capital mineira, e vivem crises existenciais marcadas por angústia, alienação, nostalgia e conflitos internos profundos. Em um segundo eixo e por outro lado, em outros três livros, ainda que com estilos e autorias muito diferenciadas entre si, sublinhe-se categoricamente, temos personagens femininas marginalizadas e resilientes — *Becos da memória*, *Hilda Furacão* e *Enverga, mas não quebra*. As protagonistas e figuras centrais dessas obras são provenientes de contextos de exclusão social e marcadas pela marginalização racial, econômica e cultural. Correndo de certa forma, “por fora” - insistimos, tudo aqui considerado a partir da revisão de literatura produzida para a atividade - a personagem de *Minha Vida Fora de Série* se situa num ponto intermediário: diferentemente dos protagonistas masculinos clássicos do primeiro eixo, mas talvez situada em um mesmo viés de classe, Priscila vive conflitos um pouco mais distintos, como a experiência do primeiro amor e a separação dos pais. Por outro lado, também é muito diferente das personagens marginalizadas femininas do segundo eixo, que enfrentam pautas mais duras de opressão sistêmica e resistência social (preconceito LGBTQIA+, ditadura, racismo, pobreza). Priscila se encontra num contexto relativamente estável, que valoriza a experiência emocional e a construção da identidade feminina jovem contemporânea do início do terceiro milênio.

Diante da efeméride que baliza as duas obras escolhidas para esse trabalho, que tratam de um momento específico do meio século de existência da capital mineira - anos 1940 e 1950 - e por serem as mesmas representantes fundamentais de cada eixo apontado anteriormente - *Encontro Marcado*^[10] pelo primeiro eixo e *Becos da memória*^[11] no segundo, vamos nos deter rapidamente no mapeamento apresentado pelo trabalho de cada um. Ambos os grupos criaram os respectivos mapeamentos utilizando a ferramenta *My Maps*^[12], disponibilizada pelo Google Maps. Nessa ferramenta, locais da cidade podem ser destacados com marcadores, adicionando fotos e comentários. Opcionalmente, os mapas criados podem ser compartilhados e abertos à colaboração pública.

Observa-se que, no caso do livro de Sabino (Figura 1), o grupo optou pelo mapeamento e citações diretas, uma vez que as ocorrências dos locais da cidade foram organizadas primeiro em uma tabela^[13], enquanto o livro de Evaristo já tenta indicar tudo no mapa, incluindo possíveis interpretações e atualizações (Figura 2). Este foi mais um ponto que nos motivou a escolha desses dois trabalhos, pois mostra estratégias distintas de abordagem para o mapa, atento ao

detalhe de que a entrega da tabela com as ocorrências foi solicitada e era obrigatória para todos os grupos - precisamente para facilitar o mapeamento e comentários *a posteriori*. Assim, embora mais detalhado no mapeamento apresentado, o grupo de *Becos da Memória* não apresentou a tabela e, como dito, sintetizou as informações da obra no próprio mapa. Já o do *Encontro marcado* - como boa parte dos demais em sala - preferiu realizar, como solicitado, primeiro uma tabela com as ocorrências dos lugares e passagens dos livros para depois propor o mapeamento, incorporando a ele a totalidade ou parte das passagens encontradas relacionadas a diversos lugares na cidade.

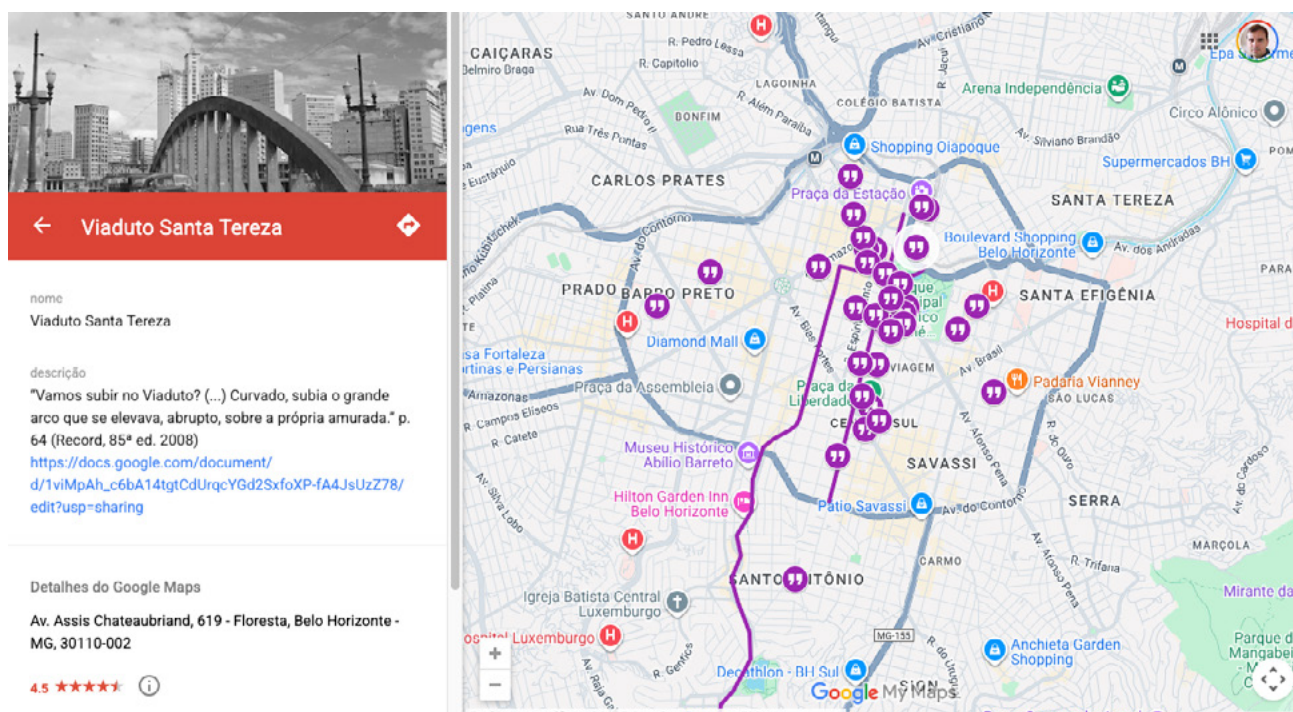
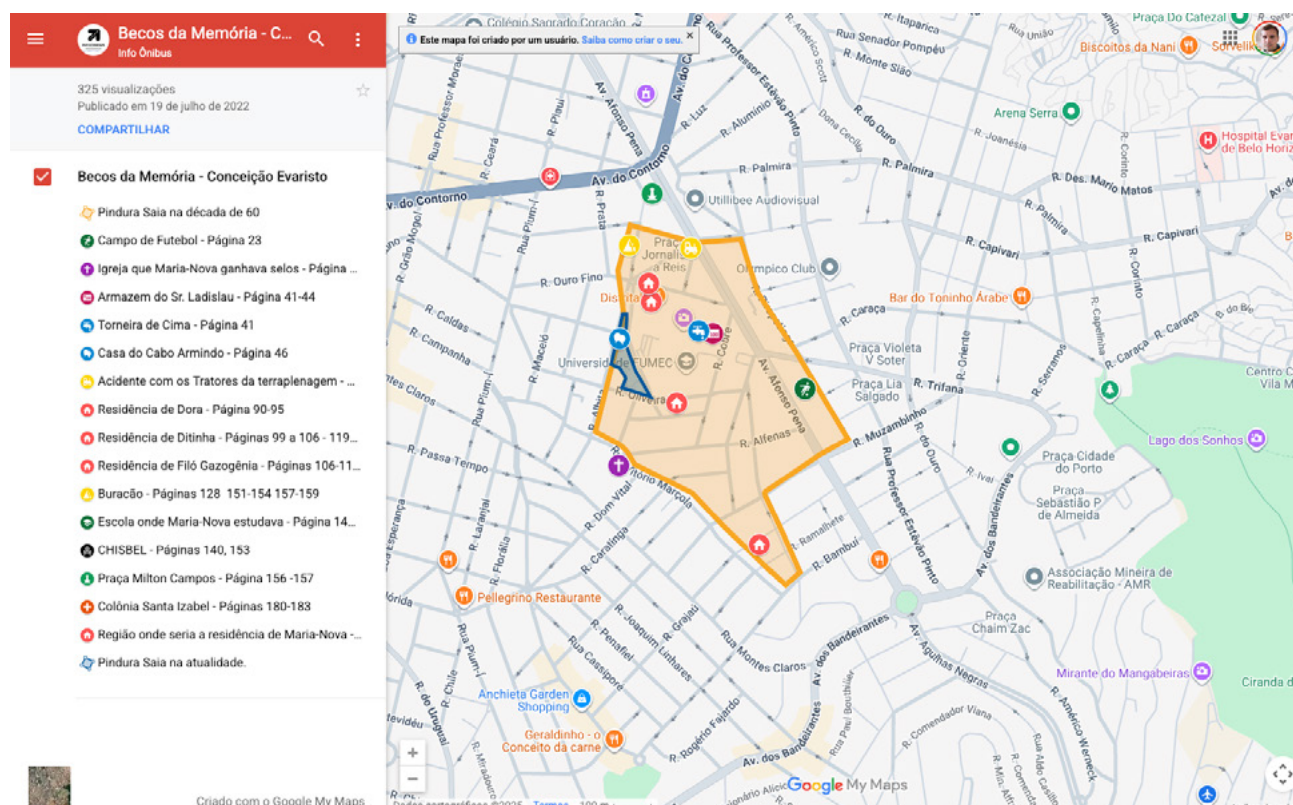


FIGURA 1: Mapeamento do livro *O Encontro Marcado*

Fonte: elaboração dos estudantes

FIGURA 2: Mapeamento do livro *Becos da Memória*

Fonte: elaboração dos estudantes

Uma primeira constatação que salta aos olhos ao confrontar os dois mapeamentos, mas sem nenhuma surpresa aparente, é como, na capital planejada na aurora republicana, toda a trama e dilema existencialista do livro de Sabino se passa praticamente dentro dos limites da avenida do Contorno, a avenida da capital planejada. Por outro lado, toda a trama de *Becos da Memória* se passa fora desse lugar privilegiado e central, confirmando, até mesmo do ponto de vista geográfico de uma capital em ascensão, o seu lugar de periférico - praticamente, não há nenhum ponto em que os personagens poderiam se cruzar, apesar de viverem na mesma cidade e muito próximos geograficamente. Assim, a delimitação dos espaços mapeados pelos estudantes evidencia o contraste temático dos livros: de um lado, uma obra escrita por um homem branco, cujo protagonista (uma espécie de *alter ego* do próprio autor), pertence a uma classe burguesa (condição, aliás, discutida logo no início do livro). Do outro lado, uma obra escrita pela “escrevivência” de uma mulher negra, cuja trama se situa em um contexto periférico, fora dos limites planejados da cidade. Ainda que a cidade de BH tenha se modificado substancialmente desde então, o modelo de ocupação urbana, segregada por critérios de raça, classe e gênero, permanece inalterado, como em toda grande cidade latino-americana.

Os mapeamentos elaborados pelos estudantes também reúnem breves “pílulas jornalísticas” associadas aos locais destacados e inspiradas pelas histórias contadas nos livros. Como parte

da atividade de deambulação urbana proposta na disciplina, os estudantes foram provocados a ressignificar sua própria percepção da cidade, elaborando narrativas jornalísticas ligadas a marcos da cidade mencionados pelos autores. Algumas dessas “pílulas jornalísticas” ficaram acessíveis para a leitura em alguns pontos mapeados e evidenciam novas camadas de leituras do tecido urbano, agora sob o ponto de vista do pesquisador/jornalista. Ao mesmo tempo em que dialogam com a obra literária, o mapeamento abre novas frestas interpretativas que se ocultam nos vestígios e registros coletados.

É o caso do texto *Atrás daquele morro, existe outro morro: uma Belo Horizonte sob a ótica de uma paulista e a aproximação às questões existenciais do livro O Encontro Mercado*, elaborada pelas discentes Melissa Souza^[14], com fotografias de Izabella Oliveira (Figuras 3 e 4). Esse exercício de escrita, por sua vez, foi estimulado pelo famoso trecho do livro *O Encontro Mercado*, no qual os personagens relatam sua escalada pelos arcos do viaduto Santa Tereza: “Vamos subir no Viaduto? (...) Curvado, subia o grande arco que se elevava, abrupto, sobre a própria amurada.” (p. 57) (Record, 72ª ed. 2001)



FIGURA 3: Viaduto Santa Tereza

Fonte: “Atrás daquele morro, existe outro morro”, pílula jornalística elaborada por Melissa Souza, com fotografias de Izabella Oliveira.



FIGURA 4: Estátuas de Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos em frente a Biblioteca Pública Estadual

Fonte: "Atrás daquele morro, existe outro morro", pílula jornalística elaborada por Melissa Souza, com fotografias de Izabella Oliveira.

No grupo de *Becos da Memória*, por sua vez, o discente Rafael Delazari, depois de pesquisar imagens antigas da cidade, escreveu texto à parte sobre a terrível grota que atemorizava os personagens do Pindura Saia: o "Buracão". Ele incorporou ao trabalho tanto o período em que percorreu a região como *office-boy* nos anos 1990, como também a atual frequência ocasional ao Mercado do Cruzeiro. Assim, segundo ele, "ficou mais fácil de conseguir escrevivenciar neste espaço, e observar com mais afinco o que se transformou este buraco atualmente." (DELAZARI, 2022, p.2). Sob o título *Maria-Nova, esse buraco não é mais o mesmo - reescrevivendo a memória de um local temido e agora, domesticado pela urbanização*, Delazari escreve :

[...] ao fazer a observação cartográfica da região do Pindura Saia, pelas fotos nas décadas de 50 e 60, esta grota era bem visível [fig.5], e ela era localizada no perímetro atualmente compreendido entre as Ruas Albita, Opala, Minas Novas, Ouro Fino, Prata e Bernardo Figueiredo, além do espaço onde se situa o Clube Ginástico, todos localizados no bairro Cruzeiro. (...) Inicialmente, podemos dizer que o Buracão de 2022 não se parece em nada com o buraco que causava temor em Maria-Nova, a não ser o fato das ruas serem descidas, tendo seu ponto baixo, o encontro das ruas descritas acima por uma rotatória. Algumas ruas como a Rua Prata e Minas Novas ainda mostram uma falta de docilidade para alguns carros menos potentes, devidamente avisadas por placas

denotando acentuado, porém as demais já demonstram a domesticação que o dito progresso, a impuseram, através da descida serena que estes veículos impõem ao circular por elas. Uma destas descidas, já domesticada, já foi letra de uma música da banda Skank, em sua canção “Eu Disse a Ela” [fig.6]. (DELAZARI, 2022, p.2 e 3)



FIGURA 5: foto aérea da Praça Milton Campos,
com a região da gruta do Pindura Saia (à direita na foto)

Fonte: “Maria-Nova, esse buraco não é mais o mesmo - reescrevendo a memória de um local temido e agora, domesticado pela urbanização”, pílula jornalística elaborada por Rafael Delazari, reprodução.



FIGURA 6: Rua Minas Novas.

Fonte: "Maria-Nova, esse buraco não é mais o mesmo - reescrevendo a memória de um local temido e agora, domesticado pela urbanização". Pílula jornalística elaborada por Rafael Delazari. Foto Rafael Delazari.

CONCLUSÃO: O MAPEAMENTO PROFUNDO DA CIDADE

As narrativas cartográficas elaboradas pelos estudantes reforçam requisitos importantes para a formação jornalística: (a) ir de encontro à pauta, colocando-se fenomenologicamente exposto às experiências locais (deambulação); (b) observar e esmiuçar as referências coletadas em busca de conexões históricas (arqueologia); e (c) organizar as ideias em um plano, contrastando pontos de vista (montagem). Essa proposta sugere uma espécie de "mapeamento profundo da cidade" (RIBEIRO, 2021), uma abordagem de pesquisa que busca acessar dimensões ocultas do espaço urbano. Tal perspectiva entende a cidade não apenas como um conjunto de ruas, edificações e

fluxos aparentes, mas como lugar de significações, memórias e experiências que se encontram encobertas por uma leitura superficial. A articulação das três etapas, dessa maneira, propõe desvelar “cidades invisíveis” do cotidiano urbano (CALVINO, 2017).

A primeira etapa, a deambulação, resgata práticas de deriva e caminhada pela cidade, em que o pesquisador se desloca sem um roteiro rígido, permitindo que o espaço revele suas nuances. Nesse movimento, surgem percepções que não seriam captadas em um mapeamento objetivo e racional, pois a atenção recai sobre detalhes marginais, silêncios e microacontecimentos que constituem a vida urbana. Trata-se de uma prática sensível, que coloca o corpo em contato direto com o território. Na segunda etapa, a arqueologia, o método, assume um caráter de escavação, em que a cidade é entendida como palimpsesto. O pesquisador busca rastros, vestígios e camadas históricas que permanecem inscritos nos lugares, mesmo que não estejam evidentes na paisagem. Assim, o espaço urbano é percebido como acúmulo de tempos heterogêneos, revelando persistências, apagamentos e reapropriações. Essa dimensão arqueológica é fundamental para compreender como a cidade carrega consigo memórias latentes e narrativas silenciadas. A terceira etapa, a montagem, propõe a articulação dos fragmentos coletados nas etapas anteriores em uma narrativa visual, textual ou cartográfica que não busca totalidade, mas sim a composição de um mosaico. Essa montagem produz novas formas de leitura do espaço urbano, instaurando sentidos que emergem justamente da justaposição e do contraste entre elementos diversos. O resultado é um mapa expandido, capaz de transmitir as múltiplas camadas que constituem a experiência da cidade.

Com a aplicação desse método, sobretudo pelo estímulo corporal e fenomenológico da deambulação, novas camadas interpretativas do espaço urbano se evidenciam nos textos jornalísticos produzidos pelos estudantes. Ao relatarem a própria experiência, Souza e Oliveira (2022), por exemplo, mencionam a descoberta da cidade “por uma pessoa que não é de Belo Horizonte e que não conhecia nada sobre a cidade antes de passar a morar aqui”, mas que é convidada a vivenciar um processo de pertencimento que só é possível ao “transitar, de fato, por esses locais. Lugares que foram ocupados por tantas figuras, inclusive as ficcionais”. Já Delazari (2022) revê a própria experiência de circulação no local que trabalhara anos antes, bem como testemunha a evidente metamorfose da região ao comparar fotos e registros antigos do temível “buracão” do Pindura Saia.

As etapas desta experiência, realizada a partir da utilização da literatura sobre a cidade de Belo Horizonte, também reforça que a cartografia pode ser encarada como um método de pesquisa em comunicação (ROSÁRIO, COCA; 2018), e não somente como um exercício jornalístico. Em linhas gerais, essa tendência considera a cartografia para além de seus aspectos representacionais, enfatizando “o processo de exploração, coleta, observação, raciocínio e organização espacial de

ideias” (RIBEIRO, 2023, p. 4). Esse método se mostra relevante porque permite acessar territórios e significados que escapam às práticas convencionais de planejamento urbano ou representação cartográfica. Ao valorizar a experiência sensível, a memória e a montagem fragmentária, o mapeamento profundo possibilita a descoberta de lugares ocultos a uma visão superficial, trazendo à tona dimensões sociais, culturais e afetivas que permanecem invisíveis nos mapas oficiais. Dessa forma, amplia-se a compreensão da cidade como espaço vivo e multifacetado, em constante processo de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Eliza de Sousa Silva. *Becos da memória*, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil. *Letras e Ideias*, João Pessoa, PB, v. 3, n. 1, p. 13–29, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2595-7295.2019v3n1.48303. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/48303> . Acesso em: 28 jul. 2025.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Cenários de transformação - jornalismo e história no século xx. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 458-480, maio/agosto 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BORGES, Jorge Luís. *Cinco visões pessoais*. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- BUCHWEITZ, Marlise; REQUIÃO, Renata Azevedo. O Brasil na literatura: as influências de duas cidades brasileiras na formação do personagem Eduardo em ‘O Encontro Marcado’, de Fernando Sabino. *Patrimônio e Memória*, v. 12, n. 2, p. 155-176, 2016.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CAQUARD, Sébastien; CARTWRIGHT, William. *Narrative cartography: From mapping stories to the narrative of maps and mapping*. *The Cartographic Journal*, London, v. 51, n. 2, p. 101-106, 2014. DOI: 10.1179/0008704114Z.00000000130
- CHAMPAGNAT, Pauline. *Conceição Evaristo: a reconstrução de uma identidade fragmentada em Becos da memória*. *Revista Criação & Crítica*, 22, 57-71, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i22p57-71> Acesso em 28 de julho de 2025.

COSTA, Elisângela de Lana. *Becos da memória e do esquecimento. Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 67–86, 2014. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2014v18n35p67. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/P.2358-3428.2014v18n35p67>. Acesso em 28 de julho de 2025.

CUNHA, Prussiana Araújo Fernandes. *As narrativas urbanas dos ambulantes de Belo Horizonte: textos de uma cidade habitada*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B6GFR8>. Acesso em 7 de agosto de 2025.

DELAZARI, Rafael. “*Maria-Nova, esse buraco não é mais o mesmo - reescrevendo a memória de um local temido e agora, domesticado pela urbanização*”. Pílula jornalística. *Disciplina Narrativa Jornalística*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, primeiro semestre de 2022.

ECO, Umberto. *Histórias das terras e dos lugares lendários*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Ciência & Letras - Conceição Evaristo*. Entrevista concedida a Renato Farias. Canal Saúde / Editora Fiocruz, 3 set. 2015. YouTube, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMQps4LU0t4>. Acesso em 28 de julho de 2025.

JÁCOME, Phellipy Pereira. *A constituição moderna do jornalismo no Brasil*. Appris, 2020.

JOBIM, Danton. *O Espírito do Jornalismo*. São Paulo: EdUSP: ComArte, 1992.

LEAL, Bruno Souza. *Introdução às narrativas jornalísticas*. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LJUNGBERG, Christina. Cartographic Strategies in Contemporary Fiction. In: CLUVER, Claus; HOEK, Leo; PLESCH, Peter de Voogd (Org.). *Orientations: Space / Time / Image / Word*. Amsterdam: Rodopi. 2005.

MCGURK, Thomas. CAQUARD, Sébastien. *To what extent can online mapping be decolonial? A journey throughout Indigenous cartography in Canada*. *The Canadian Geographer / Le Géographe canadien*. Canadian Association of Geographers / L'Association canadienne des géographes, v. 64, n. 1, 2020, p. 49–64. DOI: 10.1111/cag.12602

MUSEU CLUBE DA ESQUINA/MUSEU DA PESSOA (orgs.). *Guia de Belo Horizonte – Roteiro do Clube da Esquina*. Belo Horizonte: Museu Clube da Esquina, 2005. Disponível em: https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/08/clube_da_esquina_-_miolo.pdf. Acesso em 07 de agosto de 2025.

NEVES, Marcelo Antunes. *Os caminhos existenciais em O Encontro Marcado*. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 129-151, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida; JUSTO, José Sterza. *Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. *Revista de Psicologia da Unesp*, v. 10, n. 1, p. 45-57, 2010.

ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PERDIGÃO, João. *Viaduto Santa Tereza*. Coleção “BH: A Cidade de Cada Um” (volume 28). Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2016

RIBEIRO, Daniel Melo. *Limiares da cartografia: uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos*. Belo Horizonte: FAFICH, Selo PPGCOM/UFMG, 2021. Disponível em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/limiares-da-cartografia/> Acesso em 7 de agosto de 2025.

RIBEIRO, Daniel Melo. *O método cartográfico de Walter Benjamin: uma proposta para pesquisas em comunicação*. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 11, n. 22, 2023. DOI: 10.4013/qt.2023.1122.01. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26451>. Acesso em: 21 ago. 2025.

RODRIGUES, Ernesto. Literatura e jornalismo - relações perigosas. *Ler* nº 39 (Verão/Outono de 1997), pp.41-47.

ROSÁRIO, Nísia; COCA, Adriana. *A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação*. *Comunicação & Inovação*, v. 19, n. 41, p. 34-48, 2018.

RYAN, Marie-Laure. *Narrative cartography: Toward a visual narratology*. In: KINDT, Tom; MÜLLER, Hans-Harald (Org.). *What is narratology?* Questions and answers regarding the status of a theory. Berlin: Walter de Gruyter, 2003. p. 333-364.

SABINO, Fernando. *O Encontro Marcado*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Maria Márcia Oliveira. *As mulheres de ‘Becos da memória’: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela*. In *Anais do II Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades* (p. 1-10). Vitória, ES: UFES, 2014. Recuperado de periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/9491/6504 . Acesso em 28 de julho de 2025.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Ives Teixeira. *Campos invisíveis: a Paraopeba como a avenida do futebol na Belo Horizonte dos anos 1920*. *REAPCBH – Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*, v. 7, n. 7, p. 151-170, dez. 2020.

SOUZA, Melissa e OLIVEIRA, Izabella. “*Atrás daquele morro, existe outro morro*”. Pílula jornalística. *Disciplina Narrativa Jornalística*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, primeiro semestre de 2022 Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1viMpAh_c6bA14tgtCdUrqcYGd2SxfoXP-fA4JsUzZ78/edit?usp=sharing . Acesso em 21 de agosto de 2025

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CALDEIRA, Paulo Terra e CAMPELLO, Bernadete Santos *Introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.67-87.

VILAS BOAS, Sergio. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *La mesure du monde: représentation de l'espace au moyen âge*. Paris: éditions du seuil, 1993.

-
- [1] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *Beira-Mar*: Ellen Moraes Duarte; Gabriela Matina Costa; Julia Tavares Monteiro de Barros Ennes; Lara Moreno Resende e Lourenço; Luigy Bitencourt Hudson; Pedro Henrique Oliveira de Souza e Yasmin Braga Lombardi.
 - [2] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *O amanuense Belmiro*: Ana Luisa Sales; Catharina Tomazzi; Heitor Beluco; Hiago Martins; Luiz Cisi; Pedro Cervinho e Yago Fagnoli.
 - [3] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *O encontro marcado*: Beatriz Abrahão, Isabella Caroline Lino, Izabella Caixeta, Izabella Corrêa, Melissa Souza e Sylvia Procópio.
 - [4] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *Hilda Furacão*: André Mendes, Caio Veríssimo, Filipe Câmara, Gustavo Souza, Lucas Silvério e Welington Barbosa.
 - [5] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *Becos da memória*: Crislândia Silva; Gabriel Lopo; Gracieli Rocha; Larissa Cristina e Rafael Delazari.
 - [6] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *Enverga, mas não quebra*: Ana Clara Magalhães, Bruna Gomes, Dayanna Louise, Guilherme Reis, Leonardo Godim, Maria Luiza Sena, Miryam Cruz e Thiago Cândido.
 - [7] Discentes responsáveis pelo trabalho do livro *Minha vida fora de série - vol. 1*: Brunna da Matta Amorim, Isabela Ferreira da Silva, José Pedro Ferreira do Nascimento, Larissa Thamara Silva Pereira, Pedro Henrique Gonçalves e Vagner Cardoso Junior.
 - [8] Disponível em: <http://ouviaduto.tumblr.com>. Acesso em: 21 ago. 2025.
 - [9] Disponível em: <http://camposinvisiveis.com/index.html>. Acesso em: 23 ago. 2025.
 - [10] Mapeamento da obra disponível no link <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=10CQGOoavxAUue9g1rwB0AuiAwgs476U&ll=-19.924440100000005%2C-43.93917889999997&z=13> Acesso em 07 de agosto de 2025
 - [11] Mapeamento do livro disponível através do link https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1F3oz_S3IX_wmlGIYrpQr0r00m05tESk&ll=-19.943890625494213%2C-43.92019543349075&z=16 . Acesso em 07 de agosto de 2025.
 - [12] Disponível em: <https://mymaps.google.com/>. Acesso em 21 de agosto de 2025.
 - [13] Tabela de ocorrências de *O Encontro marcado* disponível em <https://docs.google.com/document/d/1jHo635r719yC-wM5kCj0I4KEcOCq2x5i/edit?tab=t.0> Acesso em 07 de agosto de 2025.
 - [14] Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1viMpAh_c6bA14tgtCdUrqcYGd2SxfoXP-fA4JsUzZ78/edit?usp=sharing. Acesso em 21 de agosto de 2025.